

volume

29/1

jan/2024

ICH - UFPel

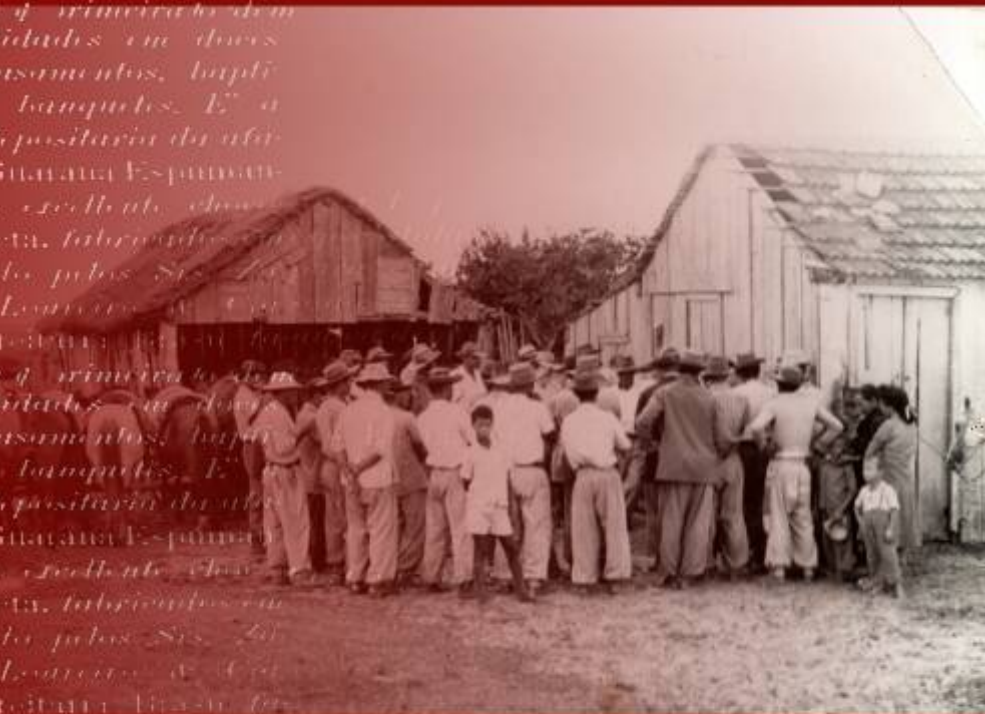


História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Quilombos: Territorialidades, Festejos e Gênero

*As Leis primeiras d'alem #xkxle q' primeira to dem
especialidades em doces specialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a
unica depositaria da ulatunica depositaria da ulat
nada Guarana Espumamada Guarana Espumam
te e do eccellente chovero e do excelente chov
bit Laeta, fabricados culab Laeta, fabricados em
S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs. Zo
nalla Loureiro & Companhia Loureiro & Cia
A. Conditaria Brasileira A. Conditaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 29/1 p.1-284 jan. 2024

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação
Histórica – Prof^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Prof^a. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof^a. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Prof^a. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Prof^a. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de
Uberlândia)
Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof^a. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Prof^a. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Prof^a. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Prof^a. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)
Prof^a. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof^a. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Prof^a. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do
Minho)
Prof^a. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de
La Pampa – AR)
Prof^a. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Prof^a. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Claudia Daiane Garcia Molet (UFPEL) |
Natália Garcia Pinto (UFPEL)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Quadro fotográfico composto por meninos,
algumas mulheres, homens negros. Veem-se cavalos, casa de
madeira com telhas francesas e galpão de mesmo material. Lê-
se no verso: “Reforma Agrária. Negros Teixeira”. Campo dos
Teixeiras. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo
Particular Campo dos Teixeiras. FCT11

Pareceristas ad hoc: Álvaro Barreto | André Fagundes | André
Lopes | Benedita Celeste Pinto | Bruno Martins | Caroline
Braga Maciel | Cassiane Paixão | Cesar da Costa | Daniela
Carvalho | Deise Cristina Schell | Iamara Viana | Jonas
Vargas | Josimeire Alves | Lidiane Friderichs | Lua Gill da
Cruz | Lucimar Felisberto dos Santos | Maciel Carneiro |
Manuel Alves de Sousa Júnior | Márcio Sônego | Mariane
Balén | Paulo Cadena | Paulo Moreira | Paulo Roberto
Rodrigues Soares | Paulo Sérgio Silva | Petrônio Domingues
| Raquel Dias | Rosane Rubert | Sidney Daniel | Sidney
Gonçalves Vieira | Ynaê Lopes dos Santos

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2024/1

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso
| International Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: Quilombos: Territorialidades, festejos e gênero) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.1, jan. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 – 284 p. ; 7,01 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Quilombos 3. Gênero

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Claudia Daiane Garcia Molet Natália Garcia Pinto</i>	08
HISTÓRIA EM REVISTA: UM BREVE HISTÓRICO E ALGUNS NÚMEROS HISTORY IN REVIEW: A BRIEF HISTORY AND SOME NUMBERS <i>Lorena Almeida Gill Paulo Koschier</i>	12
“SOU FRUTO LONGÍNQUO DA RAIZ LUIZA”: FAMÍLIA E TERRITORIALIDADES NEGRAS A PARTIR DO QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES “I AM FAR DESCENDING OF ROOT LUIZA”: FAMILY AND BLACK TERRITORIALITIES FROM THE QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES <i>Vanessa Flores dos Santos Franciele Rocha de Oliveira</i>	17
QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES E LINHA FÃO: O ESTAR NO MUNDO DE UM TERRITÓRIO NEGRO NO PLANALTO DO RIO GRANDE DO SUL (DO SÉCULO XIX AO TEMPO PRESENTE). QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES AND LINHA FÃO: BEING IN THE WORLD OF A BLACK TERRITORY ON THE RIO GRANDE DO SUL PLATEAU (FROM THE 19 TH CENTURY TO THE PRESENT TIME) <i>Maria do Carmo Moreira Aguiar</i>	36
CONTANDO TEMPOS E ARRANJANDO ESPAÇOS: ALGUMAS PROPOSTAS DE PERIODIZAÇÃO DOS MOCAMBOS E QUILOMBOS, SÉCS. XVIII-XXI COUNTING TIMES AND ARRANGING SPACES: SOME PROPOSALS FOR THE PERIODIZATION OF MOCAMBOS AND QUILOMBOS, 19 TH CENTURY. XVIII-XXI <i>Claudia Daiane Garcia Molet Flávio Gomes</i>	59
QUILOMBOS: ORGANIZAÇÕES SOCIAIS INTERÉTNICAS QUILOMBOS: INTERETHNIC SOCIAL ORGANIZATIONS <i>Jamille Pereira Pimentel dos Santos</i>	77

- “GUARDEI PRA LEMBRANÇA”: MEMÓRIAS DO RITUAL DO ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA DE QUICUMBI DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)**
 “I KEPT IT AS A MEMORY”: MEMORIES OF THE ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA RITUAL OF QUICUMBI FROM THE BROTHERHOOD OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)
Luciene Mourige Barbosa **92**
- TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE SOCIOETNOCULTURAL DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E DAS FESTAS, FOLIAS E REZAS**
 QUILOMBOLA TERRITORY AND TERRITORIALITY: A SOCIO-ETHNOCULTURAL ANALYSIS OF FOOD PRODUCTION AND PARTIES, REVELRY AND PRYERS
 TERRITORIO Y TERRITORIALIDAD QUILOMBOLA: UM ANÁLISIS SOCIOETNOCULTURAL DE LA PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS Y FIESTAS, JOLGORIO Y ORACIONES
Hélio Rodrigues dos Santos | Ana Tereza Ramos de Jesus Ferreira | Geraldo Eustáquio Moreira **114**
- FESTA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PRATIGI (BA)**
 PARTY AND POLITICS: AN ANALYSIS OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PRATIGI (BA)
Fábio Júnior da Luz Barros **138**
- TRAJETÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE PARA DUAS MULHERES NEGRAS, MÃE E FILHA DO QUILOMBO MANOEL DO REGO, CANGUÇU/RS**
 TRAJETÓRIA IN LIFE AND IDENTITY FOR TWO WOMEN BLACK MOTHER AND DAUGHTER OF QUILOMBO MANOEL OF TRENCH CANGUÇU/RS
Nara Beatriz Matias Soares | Marcus Vinicius Spolle **158**
- RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: ANÁLISE DE COMO A ESCOLA ATUA NO PROCESSO IDENTITÁRIO QUILOMBOLA EM HELVÉCIA**
 RESISTANCE AND IDENTITY: ANALYSIS OF HOW THE SCHOOL WORKS IN THE QUILOMBOLA IDENTITY PROCESS IN HELVÉCIA
Julia Silva da Ressurreição | Magno Santos Batista **177**

**O FÓRUM DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO LITORAL MÉDIO COMO
INSTRUMENTO DE CONQUISTA DE DIREITOS!**

THE FORUM OF QUILOMBOLA COMMUNITIES OF THE MIDDLE COAST AS AN
INSTRUMENT FOR GAINING RIGHTS!

Jorge Amaro de Souza Borges **188**

ARTIGOS LIVRES

**ABORDAGENS HISTÓRICAS SOBRE O LITORAL DO PIAUÍ, NICOLAU DE
REZENDE, RIO PARNAÍBA E A CARTOGRAFIA NACIONAL**

HISTORICAL APPROACHES TO THE COAST OF PIAUÍ, NICOLAU DE REZENDE,
PARNAÍBA RIVER AND NATIONAL CARTOGRAPHY

Maria Natielly Soares Campos | Johny Santana de Araújo **212**

**A ATUAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB) NAS DIFERENTES
CONJUNTURAS POLÍTICAS ATÉ O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964**

THE PERFORMANCE OF THE BRAZILIAN COMMUNIST PARTY IN DIFFERENT
POLITICAL SITUATIONS UNTIL THE CIVIC-MILITARY DICTATORSHIP OF 1964

Renato da Silva Della Vechia | Alana Huttner Wolter | Igor Venzke Pinheiro **229**

**DISCUTINDO A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM AULAS DE HISTÓRIA:
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM O USO DO VÍDEO**

DISCUSSING THE BRAZILIAN MILITARY DICTATORSHIP IN HISTORY CLASSES:
DIDACTIC SEQUENCES USIN VIDEO

Cláudio Alves Pereira | Daniel Aparecido Ferreira **248**

**OS COLÉGIOS NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL
NO SÉCULO XIX**

THE SCHOOLS IN THE PROVINCE OF SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL
IN THE 19TH CENTURY

Eduardo Arriada | Chéli Nunes Meira **265**

“GUARDEI PRA LEMBRANÇA”: MEMÓRIAS DO RITUAL DO ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA DE QUICUMBI DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)

"I KEPT IT AS A MEMORY": MEMORIES OF THE ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA RITUAL OF QUICUMBI FROM THE BROTHERHOOD OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)

Luciene Mourige Barbosa¹

Resumo: Este artigo enfatiza a importância das memórias e da história oral para a preservação das práticas ancestrais do ritual Ensaio do Pagamento de Promessa e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares/RS. Através do trabalho de campo etnográfico, foram realizadas entrevistas com integrantes e, a partir delas, buscou-se refletir sobre a conectividade das lembranças individuais e coletivas que criam um elo entre o passado e o presente. O texto aborda como as memórias individuais se relacionam com a memória coletiva da irmandade. Neste sentido, a transmissão dos saberes através da oralidade tem grande importância na formação da identidade cultural e para o compartilhamento do conhecimento ancestral.

Palavras-chave: irmandade – memória – ancestralidade – pagamento de promessa

Abstract: This article emphasizes the importance of memories and oral history in preserving the ancestral practices of the *Ensaio do Pagamento de Promessa* ritual and the Brotherhood of *Nossa Senhora do Rosário de Tavares/RS*. Through ethnographic fieldwork, interviews were conducted with members, and based on them, the aim was to reflect on the connectivity of individual and collective memories, which create a link between the past and the present. The text explores how individual memories relate to the collective memory of the brotherhood. In this sense, the transmission of knowledge through oral tradition plays a significant role in shaping cultural identity and sharing ancestral knowledge.

Keywords: brotherhood - memory – ancestry – payment of promise

Introdução

Muitas das lembranças que integram o nosso passado não resultam de nossas próprias experiências vividas, mas sim das histórias contadas por nossos parentes e que, no decorrer do tempo, tornam-se parte essencial de nossa própria história pessoal (BOSI, 1983). O texto em questão visa explorar as memórias do ritual do Ensaio de Pagamento de Promessa de Quicumbi, executado pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares [Figura 1]² e examinar como essas memórias são preservadas ao longo do tempo. O município de Tavares está localizado ao norte de uma estreita península entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, pertencendo à Planície Costeira do Rio Grande do Sul. As

¹ Mestre em Antropologia Social - Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bacharel em Arqueologia – Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: lucienemourigeb@gmail.com

² Todas as imagens presentes neste artigo são de minha autoria e foram realizadas durante o trabalho de campo, com ciência e consentimento dos integrantes.

narrativas apresentadas neste artigo foram obtidas por meio de entrevistas orais intensivas, ou seja, conversas informais focadas no tópicos de interesse (CHARMAZ, 2019), realizadas durante as atividades de campo etnográfico para a pesquisa de mestrado que resultou na dissertação "O Ensaio é na batida do tambor": Uma etnografia do ritual de pagamento de promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares-RS"³.

A etnografia não se limita apenas a ser uma prática de pesquisa ou uma metodologia, pois ela é, em si, uma teoria vivenciada e, no "fazer etnográfico", esta teoria se manifesta de maneira evidente, entrelaçada com as evidências empíricas e os dados coletados (PEIRANO, 2008). O "fazer etnográfico" é um processo que requer tempo e paciência para adentrar no mundo do outro, compreender seus pensamentos e identificar o que é mais significativo para ele. Os interlocutores entrevistados incluem Eli Jorge Souza e Aldo Lucas de Jesus, respectivamente o guia-geral e o tamboreiro da Irmandade de Tavares, assim como Madir Silva e Josi Silva, envolvidos na Irmandade de Mostardas (atualmente não está em atividade). A escolha desses entrevistados considerou seus papéis simbólicos significativos para a irmandade, como condução espiritual e representação na prática ritual.



Figura 1: Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares. Imagem capturada em dezembro de 2019, em Tavares.

A formação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares está entrelaçada a dois importantes contextos históricos: o comércio transatlântico de africanos escravizados e a criação das irmandades religiosas negras, especialmente aquelas que se dedicavam à devoção do Rosário. O comércio transatlântico de escravos resultou em uma

³ Dissertação defendida no ano de 2020 pelo PPG Antropologia Social, UFPel.

perda demográfica significativa em África, causando imenso sofrimento àqueles arrancados de suas terras e submetidos ao trabalho forçado em territórios distantes (MALOWIST, 2010). Os portugueses foram os principais traficantes nesse cenário, muitas vezes contando com a assistência dos angolanos, no interior, para capturar escravizados, pois não era fácil os capturar sem lutar e fomentar guerras, enquanto a igreja católica mantinha relações comerciais com a escravatura (SOUINDOLA, 2016).

Os europeus dos séculos XVI e XVII não enfrentaram nenhum dilema moral significativo em relação à escravidão, influenciados pela doutrina cristã que não condenava a escravidão do homem pelo homem, mas enfatizava o temor à submissão às forças do mal. Isso resultou na instalação de capelas nos navios negreiros para batizar os escravizados antes da travessia, uma prática que desrespeitava e violava a religião dos africanos. Esse ato era motivado pela preocupação cristã em salvar as almas, ignorando as necessidades físicas dos escravizados. Parte dos missionários demonstrou incapacidade de reconhecer a religião dos africanos (MUNANGA, 2019, p. 27, 28). Nos portos de embarque, as capelas eram presentes para permitir a conversão ao batismo, já que indivíduos pagãos não tinham permissão para entrar em territórios sob controle da coroa portuguesa ou em outros reinos influenciados e dominados pela igreja católica. Durante séculos, milhões de africanos foram capturados e forçados a atravessar o Oceano Atlântico para as Américas. Entre os séculos XVI e XIX, período em que o comércio de escravos perdurou, o Brasil foi o país que mais recebeu africanos, representando a maior importação dessa população (SANTOS, 2008, p. 182; REIS, 2007, p. 81).

Apesar das correntes, chicotes, ansiedade e medo, as pessoas escravizadas conseguiram criar culturas que refletiam seus valores africanos no novo mundo em que foram inseridas. Mesmo submetidos à esta condição, sofrendo maus-tratos e sujeitos à presunção dos brancos, os africanos não foram reduzidos a meras posses materiais. Eles preservaram suas tradições de maneira notável, carregando consigo a riqueza de sua cultura em suas músicas, narrativas e histórias imaginativas. Dessa forma, estabeleceram um território cultural africano que se desenvolveu, cada manifestação cultural servindo como um ato de "lembrar, reiterar, reinventar e resistir à agenda da escravidão" (IROBI, 2012, p. 287-288). Uma das formas utilizadas para reinventar a sociedade foi por meio formação das irmandades religiosas⁴ negras, dedicadas aos santos católicos, nas quais africanos escravizados, libertos e seus descendentes se reuniram de forma autônoma (MONTEIRO, 2011, p. 88; REIS, 1996, p. 4). Essas organizações religiosas formadas por africanos foram estabelecidas em diversas regiões onde essas populações se concentravam.

⁴ As irmandades ou confrarias, são organizações religiosas, formadas por leigos ou ordens eclesíásticas diante da invocação de um santo católico e que surgiram no período medieval, na Europa. Com as missões de exploração e dominação territoriais, estas organizações atravessaram o Atlântico. As instituições leigas, também eram sociais e familiares, pois havia uma interpretação da vida social e familiar com a religião (SCARANO, 1978, p. 15).

Em Portugal, africanos livres, especialmente nas áreas urbanas, estabeleceram associações para criar um senso de comunidade e buscar instituições que atendessem aos seus interesses. Além de promover atividades sociais e de lazer, organizações também angariavam fundos para libertar outros escravizados e adquirir terrenos para seus sepultamentos (HARRIS, 2010, p. 136). Algumas delas se denominavam 'homens pretos', sugerindo a presença de negros alforriados e escravizados, embora a maioria dos membros fosse composta por brancos. Isso levava a conflitos pelo controle, administração e rivalidades entre os membros de diferentes origens étnicas (negros, brancos e mulatos), levando à separação e criação de novas instituições. Em terras portuguesas, por exemplo, sob a devoção do mesmo santo, havia irmandades distintas para negros e brancos (FONSECA, 2016, p. 23).

As irmandades negras portuguesas eram similares às organizações formadas por brancos em vários aspectos, como na prática de funções religiosas, apoio mútuo entre membros e a facilitação da integração social, possibilitando a ascensão de grupos menos privilegiados e permitindo algum grau de poder. No entanto, uma diferença crucial residia nos privilégios concedidos pelo governo a essas irmandades: o direito de resgatar escravizados. Esse privilégio foi o mais controverso, pois estava condicionado a duas situações delicadas: os casos de maus-tratos (o que era quase impossível comprovar) e a possibilidade de venda, que muitas vezes resultava na saída do irmão para fora de Portugal (frequentemente para o Brasil). Ao longo dos séculos, os privilégios concedidos pelas autoridades régias sofreram várias mudanças, sempre favorecendo os direitos de propriedade dos senhores, o que gerou debates e controvérsias em torno dessas permissões (REGINALDO, 2005, p.48- 52). Algumas associações tiveram o privilégio do resgate de irmãos estendido, já outras tiveram que reivindicá-lo. No entanto, a primeira irmandade a ter esse privilégio foi a de Nossa Senhora do Rosário do Convento de São Domingo, também a primeira associação formada sob a proteção desta santa no reino, no século XVI (REGINALDO, 2005; FONSECA, 2016).

No Brasil, as irmandades negras foram um ponto de equilíbrio para os escravizados perante uma vida de extremos. Os senhores escravocratas e as autoridades brasileiras reconheciam a necessidade de controlar não apenas o corpo, mas também a alma ou o espírito dos africanos, antes mesmo de desembarcarem, para evitar rebeliões. O regime escravagista que, baseava-se no uso da força e de formas coercitivas, perdurou por longa data porque os escravocratas aprenderam a combinar a força com a persuasão. Do outro lado, os africanos perceberam que a sobrevivência nesse regime demandava uma adaptação constante, entre a acomodação e a revolta. Essa situação levou a maioria deles a viverem constantemente numa zona de indefinição entre dois extremos, ou seja, um espaço de negociação (REIS, 1996, p. 4).

As irmandades configuraram esse espaço de negociação, inserido nessa zona de indefinição e, dentro delas, os africanos escravizados puderam recuperar parte de sua humanidade subtraída, encontrando uma relativa autonomia e um meio de se organizarem dentro da sociedade escravagista colonial branca. Sob a proteção de seus santos católicos de

devoção, assim como as instituições negras em Portugal, as organizações formadas no Brasil ofereciam suporte e cuidado para seus irmãos e familiares, tanto em vida quanto na morte. Através de práticas religiosas e rituais, reafirmavam suas tradições africanas, muitas vezes consideradas profanas e demoníacas pelos brancos (BARBOSA, 2020). A religiosidade africana também era vista como um problema a ser combatido e não como algo a ser compreendido (MONTEIRO, 2011, p. 77).

No século XIX, emergiu uma combinação de símbolos, mitos e imagens que constituíam a essência da vida espiritual, elementos que mesmo podendo ser mascarados, deformados ou rejeitados, jamais foram completamente removidos (ELIADE, 1979, p. 12). Em resumo, a cultura e religiosidade africanas foram reconstruídas no contexto da América portuguesa, dentro das estruturas institucionais tradicionalmente europeias (MONTEIRO, 2011, p. 78). Diversas irmandades surgiram em várias regiões do Brasil em honra a diferentes santos católicos, como Santa Efigênia, Nossa Senhora da Conceição e São Benedito. No entanto, a mais disseminada e proeminente entre essas organizações, não apenas na colônia brasileira, mas em todos os territórios sob domínio português, foram as Irmandades devotadas a Nossa Senhora do Rosário.

“Ela veio de dentro da senzala” e lá “que os negros cantavam e faziam promessa”: formação da irmandade e o ensaio de pagamento de promessa

Conforme foi narrado pelo senhor Eli Jorge, guia – geral da Irmandade de Tavares, ela foi formada pelo seu avô, africano escravizado, que desembarcou no porto da cidade de Rio Grande (SOUZA, 2018) que, no século XIX, fez parte do comércio Atlântico de africanos escravizados. Uma vez que era o único porto oceânico da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, se tornava obrigatória a passagem das embarcações de cabotagem “carregadas” de africanos escravizados e de produtos coloniais oriundos de outras regiões da América que estavam sob o domínio da coroa portuguesa. Apenas após a passagem pelo porto é que seguiam com o deslocamento via terrestre ou fluvial, para o interior da capitania. O porto da, então, Vila de Rio Grande, recebia o desembarque dos africanos vindos dos portos de Salvador e Pernambuco, integrando as rotas do *tráfico interno*. (BERUTE, 2006; p.10). Seguindo pela narrativa do guia -geral, após o desembarque seu avô foi levado à localidade de Tavares, onde trabalhou na atividade agrícola⁵: “em granja, meada de arroz, cortar arroz”. A irmandade “veio de dentro da senzala” e seu avô “foi o primeiro guia [...] e “a cada moeda que pegava”, colocava “dentro dela [caixinha de peditório da santa – figura 2] para comprar carta de alforria”, quando ele “conseguiu [...] comprar doze carta de

⁵ A mão-de-obra dos escravizados não foi destinada apenas aos grandes empreendimentos econômicos do período: grandes plantações de café e de algodão, na extração de minério e produção de outros produtos para exportação. Esteve presente também na agricultura para abastecimento interno, criação de gado e charqueadas, pequenas manufaturas, vários ofícios mecânicos e dentro das casas dos senhores para o trabalho doméstico. Nos centros urbanos eram encarregados do transporte de objetos, desejos, pessoas. Como vendedores ambulantes e quitandeiros, foram responsáveis por uma parcela da distribuição do alimento que abastecia os grandes centros. REIS. Presença Negra: conflitos e encontros p. 81.

alforria, ele pegou doze irmão [...] daí saiu a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário [figura 3]" (SOUZA, 2018).



Figura 2: caixinha de Nossa Senhora do Rosário, símbolo do sagrado, e as caninhas dos guias - Tavares, 2019.

Essa possibilidade de comprar cartas de alforria se dava através da formação do pecúlio, que se tratava de uma soma em dinheiro que os escravizados podiam acumular, desde que tivessem o consentimento do senhor (ALADRÉN, 2012, p.25). Com muitas dificuldades, durante anos economizavam o dinheiro que conseguiam ganhar. Este poderia ser por meio de doações, fazendo trabalho extras, depois de cumprir sua “jornada” habitual ou, quando lhes era permitido ter uma roça, com a venda do excedente do plantio. O pecúlio

também era formado pelo esforço coletivo de um grupo com afinidades étnicas, afetivas ou religiosas (XAVIER, 2008), como no caso da Irmandade, onde acúmulo do pecúlio era guardado na caixinha de peditório de Nossa Senhora do Rosário e, por meio dele, o avô de Seu Eli foi pagando pela liberdade dos 12 irmãos devotos.

Estes foram os primeiros dançantes, “daí saiu a irmandade de Nossa Senhora do Rosário”, de “dentro da senzala”. De acordo com Eli Jorge, o nome completo do grupo era Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Preto de Tavares, em virtude de usarem um casaco preto, mas como o nome ficava muito extenso, abreviaram para a denominação atual. No entanto, o casaco preto, um símbolo da Irmandade, permanece e tem um importante significado, explicado por Eli Jorge: “nós colocamos o casaco, porque somos obrigados a entrar de casaco, cantar a cantiga da meia noite e sair de casaco. Já colocaram em livros que a gente usava o casaco porque sentia frio”, lembra. Mas o traje é um símbolo de compromisso com o ritual, precisam estar com o casaco “para abrir as rezas”, depois pode ser retirado, voltando a ser colocado à meia noite, como já mencionou, o motivo é que fazem “uma mini despedida [...]”, pedem “licença para ir embora”. Quando chega a madrugada, num determinado momento, colocam o casaco. Seu Eli Jorge, diz que irá “receber as cantigas da madrugada de casaco, pedindo licença para ir pra rua”, quando irá terminar o pagamento da promessa (SOUZA, 2019).



Figura 3: desenho iconográfico, cujos traços levam a crer que foi feito a mão livre, sob uma superfície de um papel de gramatura mais grossa, com uma das representações de Nossa Senhora do Rosário.

Jorge Eli é guardião da narrativa do passado da formação do grupo, a qual não foi uma testemunha ocular, mas que lhe foi contada no decorrer da sua vida pelo seu pai. Essas narrativas se erguem como uma fonte inestimável de sabedoria e aprendizado, permitindo que sua rica herança cultural e espiritual tenha continuidade no presente. Podemos considerar o passado como um local ao qual “viajamos” sempre que desejamos trazer elementos significativos para o nosso presente. No entanto, é fundamental lembrar que essa “viagem” no tempo requer que retornemos constantemente ao “agora”, pois é no presente que nossas lembranças, tradições e crenças têm raízes profundas. De certa forma, isso ilustra a dinâmica contínua e interdependente entre o passado e o presente, lugar onde as lembranças ancestrais são reavivadas e mantidas vivas através das narrativas.

A ancestralidade conecta passado presente, todavia, é multiforme. Ela se manifesta como princípio diretamente relacionada à identidade do grupo, que por sua vez expressa-se genuína e epistemicamente pelo ser, pelo fazer, pelo saber, pelo tempo, pela história, pela memória, pelos ritos, por suas práticas, múltiplas, diversas e historicamente pautadas. [...] Ao nos referirmos à ancestralidade africana não se trata, portanto, de preservação e conservação de uma dada visão e forma de ser e estar no mundo, mas antes de tudo, nos referimos a alguns aspectos de união, de conexão, de dinâmico movimento (ALVES & GARCIA-FILICE, 2021, p.8).

A narrativa de Eli Jorge evoca a ancestralidade do louvor para a santa, pois era “dentro da senzala, que os negros cantavam [e] faziam a promessa”, mas também “faziam uma fogueira no meio do mato, bem longe da casa dos reis [senhores]”, porque “se pegasse na beira das casas era chicoteado”. Os negros devotos de Nossa Senhora, “não cantavam dentro de casa”, faziam suas homenagens a santa na clandestinidade, porém, quando estavam “morrendo muito brancos e os negros não adoeciam”, os brancos “descobriram que Ela é a mãe milagrosa da saúde” e deram “permissão pros negros cantar” dentro de suas casas. “E tem a cantiga de dentro da senzala [...] bota sentido que é assim: ‘Oi a minha gaiola cipó não tem / Como posso pegar passarinho verde...Aruê, aruê cipó não tem/ Como posso pegar passarinho verde’. A gaiola é a senzala aonde que tava os negros [...]” (SOUZA, 2018).

Esta homenagem feita a Nossa Senhora do Rosário pelos devotos [figura 4, 5 e 6] da Irmandade é o ritual do Ensaio de Pagamento de Promessa, uma celebração carregada de significado que tece uma teia de conexões entre o passado ancestral e o presente, entre as experiências individuais e a memória coletiva.

Figura 4: Devoção e comunicação com o sagrado. Logo que chegam ao local onde será realizado o Ensaio, os devotos se dirigem a Nossa Senhora para pedir a bênção.



Figura 5: altar montado pelas mulheres devotas de Nossa Senhora. A cada vez que se realiza um Ensaio, é preciso montar o altar em que ficará a caixinha e velas acesas durante todo o pagamento de promessa.



Figura 6: Instrumentos musicais de Nossa Senhora: tambor de Quicumbi, à direita, pandeiro, à esquerda caninhas, sobre a mesa - Tavares, 2019.

O Ensaio é performatizado por 12 homens (dançantes) e acontece a partir da promessa, que é o compromisso firmado entre um devoto (promesseiro) e a santa [figuras 7, 8 e 9]. A performance ritualística se estende por 12 horas (inicia

ao pôr-do-sol e termina ao amanhecer) e envolve a interconexão da música, canto e dança. Esse evento proporciona uma experiência religiosa que envolve os sentidos, emoções, o corpo e a imitação. Nas entrelinhas do Ensaio reside o antigo que perdura, o velho que continua naquilo que é novo, de tal forma que tudo o que existiu permanece relevante. Os elementos que fazem parte do ritual constituem os saberes e práticas ancestrais da Irmandade, cujos ensinamentos foram e permanecem sendo transmitidos através da

oralidade. Elas estão guardadas na memória, um conhecimento construído pelas lembranças do que foi ensinado pelos antigos. Aldo Lucas⁶, músico tamboreiro da irmandade afirma que "o ensaio é forte" e que "tudo tem que ser bem organizado, tudo tem um sentido". Jorge Eli⁷ diz que "cada volta" feita "ali dentro é diferente", pois "tudo tem um significado" (JESUS, 2019).



Figura 7: Irmandade entrando dentro "de casa" logo após o cortejo que começa na rua. A frente a promessa com a caixinha e sua filha segurando a vela acesa. Atrás a Rainha Ginga e o Rei do Congo, na sequência os músicos, seguidos dos guia-geral (a direita) e o contra-guia (a esquerda), logo atrás os dançantes. Uma observação importante sobre a promessa é que o promesseiro havia falecido e não conseguiu pagar em vida, então seus familiares (neste caso sua irmã) pagam a promessa - Tavares, 2019.



Figura 8: Irmãos realizando a performance que une as cantigas, a dança e a música percussiva - Tavares, 2019.

⁶ Entrevista concedida em 2020.

⁷ Entrevista concedida em 2020.

Durante a performance do ritual do Ensaio, a Irmandade expressa sua fé, presta homenagem à sua ancestralidade e revive, através das lembranças, as experiências das gerações anteriores em sua memória. As lembranças, como parte de quem somos, são enriquecidas pelas experiências e reflexões que acumulamos ao longo da vida. Algumas delas, que costumamos narrar como se fossem nossas, remontam a um período anterior ao nosso nascimento, mas, pela frequência com que foram compartilhadas conosco, acabam se incorporando aos nossos conhecimentos e saberes (BOSI, 1983). Dentro desse contexto, a história oral desempenha um papel essencial na preservação dos conhecimentos e das práticas de uma comunidade, servindo como meio primordial pelo qual as gerações mais antigas compartilham suas experiências com as mais jovens, assegurando assim a continuidade das tradições e crenças que remontam a um passado ancestral. O processo oral de transmissão do conhecimento é específico (MELLO, 2008), pois envolve formas particulares de registrar e transmitir a história (GOLDMAN & LIMA, 1999 apud MELLO, 2008). A construção e narração da memória do passado, tanto em âmbitos coletivos quanto individuais, são atividades sociais ativas que requerem uma colaboração constante com outros membros da comunidade (THOMPSON, 1988).

A oralidade não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento relevante para a formação da identidade cultural e preservação das raízes. A oralidade funciona como um canal de aprendizado, transmitindo não apenas eventos históricos, mas também valores, tradições e a profunda riqueza da experiência coletiva, de forma a contribuir para o



Figura 9: momento em que acontece a reza do terço, feita pelas mulheres e conduzidas pelas capelonas. A reza do terço é fundamental para que a promessa seja paga - Tavares, 2019.

enriquecimento da memória compartilhada pela comunidade. Nesse sentido, a história oral faz com que seja possível formular perguntas, no entanto, não dá respostas e o testemunho oral representa o centro da investigação, jamais sua parte acessória. Sua utilização como método de pesquisa tem exercido um papel fundamental no resgate e preservação da memória relacionada às variadas expressões culturais da comunidade negra no país (FERREIRA, 2011; MONTEIRO, 2014). Entendo o conceito de cultura proposto por Geertz que, ao recorrer aos pressupostos de Max Weber, diz que esta é uma complexa teia de significados tecida pelo próprio homem e seu estudo não se dá como uma disciplina de

ciência experimental, mas sim como uma ciência interpretativa que se empenha em desvendar e compreender o significado subjacente aos fenômenos culturais (GEERTZ, 2017).

A história, seja ela escrita ou oral, está intrinsicamente ligada a memória. Especificamente no contexto da população negra brasileira, como em outras comunidades, o autor argumenta que a memória é construída a partir de dois elementos distintos. O primeiro é formado pelos acontecimentos individuais e locais vivenciados por esse segmento da população, que se tornam parte integrante de sua história. Já o segundo elemento consiste nos acontecimentos, figuras e locais herdados, aqueles que são transmitidos pela socialização e que enfatizam informações relacionadas a história do grupo, criando fortes conexões com um passado comum, como o passado cultural africano ou a experiência da escravidão. Essas memórias são apropriadas individualmente, combinando experiências vividas com narrativas transmitidas ao longo das gerações. Isso culmina no desenvolvimento de um profundo senso de pertencimento a uma coletividade e no surgimento de um imaginário compartilhado, que desempenha um papel significativo tanto no nível pessoal quanto no coletivo (MUNANGA, 2019).

Através da oralidade, as histórias dos antepassados e dos rituais do Ensaio de Pagamento de Promessa de Quicumbi da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário são transmitidas de uma geração à próxima, garantido que as novas gerações possam perpetuá-las [figuras 10 e 11]. A cada vez que as histórias são contadas, elas se renovam e permanecem vividas no presente, mantendo assim sua importância e significado ao longo do tempo. A Irmandade é predominantemente composta por indivíduos mais velhos, muitos dos quais são considerados mestres, pois aprenderam as tradições do Ensaio com seus pais, avós e tios. Atualmente, eles desempenham um papel importante na transmissão desse conhecimento para as gerações jovens, com o propósito de preservar o que seus antepassados, vindos de África, desenvolveram na senzala.



Figura 10: manifestação de fé da criança fazendo saudação na caixinha de Nossa Senhora sendo ajudada pela mãe - Tavares, 2019.



Figura 11: o pequeno tamboreiro começando a trilhar os caminhos do Ensaio. A transmissão de saberes musicais é feita pelo seu avô, Aldo Lucas, tamboreiro da Irmandade - Tavares, 2019.

“Guardei para a lembrança”: memórias individuais que se entrelaçam

A lembrança é amplamente uma reconstrução do passado que se vale de informações emprestadas do presente. Além disso, essa reconstrução é influenciada por interpretações anteriores do passado, o que pode resultar numa imagem do passado significativamente alterada quando se manifesta no presente (HALBWACHS, 1999). Essa perspectiva destaca o dinamismo das lembranças e

como estas podem ser influenciadas pelo ponto de vista atual do indivíduo, bem como por interpretações passadas, salientando a complexidade da construção da memória⁸. A intensidade com que essa “massa de lembranças comuns”, que se apoiam mutuamente, se manifestará é variável para cada pessoa. Cada memória individual representa um aspecto único sobre a memória coletiva, que varia conforme a posição que ocupamos no grupo e na sociedade. Essa posição, por conseguinte, é influenciada pelas relações que mantemos com outros integrantes do grupo. Embora façam parte da mesma irmandade, os membros têm experiências individuais distintas. Isso significa que, embora as memórias coletivas estejam entrelaçadas com as individuais, elas não se confundem. A memória coletiva, “segue suas próprias leis, e quando algumas lembranças individuais são incorporadas a ela, essas lembranças mudam de natureza ao serem contextualizadas num conjunto que não é mais pessoal (HALBWACHS, 1999).

⁸ A memória, conforme conceito de Halbwachs, é um fenômeno social que se manifesta como coletiva, individual e histórica. A memória coletiva é a memória social, relacionada as histórias vividas, onde o passado se mantém vivo na consciência de um grupo social. A noção de memória coletiva se contrapõe a memória histórica, na qual há uma forma de conhecimento do passado que é exterior ao âmbito do vivido. A memória individual é uma perspectiva sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 1989).

Por décadas, a estreita relação entre os membros da irmandade e seus respectivos núcleos familiares, bem como sua própria estrutura como uma família espiritual, entrelaça as memórias individuais. Estas memórias, construídas a partir das experiências vividas (lembranças) pelos irmãos, dentro do grupo é que dão força e duração para a sua memória coletiva [figura 12]. A narrativa é um ato de contar, trazer a experiência vivida e de fazer a conexão dos irmãos com sua ancestralidade e espiritualidade. São de Jorge Eli Souza, Aldo Lucas de Jesus, Madir Silva e Josi Silva algumas lembranças que serão compartilhadas nos próximos parágrafos. Começando pelas memórias de Eli Jorge Souza, que ocupa a posição de guia-geral da Irmandade e, como tal, é responsável pelo grupo tanto na esfera social quanto na religiosa e sagrada. É ele quem conduz a irmandade para atender aos chamados para o pagamento de promessa, nos acertos para apresentações públicas de uma versão mais "resumida", por assim dizer, do Ensaio, e nas permissões para realização de estudos referentes a irmandade. No entanto, mesmo que ocupe essa posição de liderança "Ela (a santa) tem que dar permissão [...]" (SOUZA, 2018).



Figura 12: cada irmão com suas memórias individuais constroem a memória coletiva do ritual do Ensaio. A união de suas famílias em torno da fé em Nossa Senhora do Rosário mostra a força do sagrado e da sua ancestralidade africana. O passado que se atualiza no presente, aqueles e aquelas que vieram antes, deixaram o legado e permanecem vivos nesse abraço - Mostardas, 2018.

"Ela veio me consagrar"

Eli Jorge [figura 13] conta de sua trajetória na irmandade até ocupar a posição de guia-geral. Com o falecimento de seu avô paterno, fundador da Irmandade de Tavares, a posição passou a ser ocupada pelo seu pai. Contou que desde "piazinho", com 10 anos de idade, lembrava de ficar "xeretando no [seu] pai [...] de guia de um lado e [ele] de um outro. Quando tinha um Ensaio que ele [o pai] ia pagar, ele chegava, ia lá pagava o Ensaio". Sempre perguntava ao pai quando teria outro Ensaio, "só Deus sabe quando vai ter outro", era a resposta. Recorda também de pedir para o pai "pra cantar Ensaio", "ele [o pai] tinha duas caninhas⁹, era eu e ele cantando. Ele sempre me dizia, um dia tu vai assumir a irmandade" (SOUZA, 2018). A lembrança de sua infância de observar e acompanhar o pai nos Ensaios

⁹ A caninha é um dos instrumentos que compõem o conjunto de instrumentos percussivos do ensaio, ela é feita de bambu, possui ranhuras e o som é tirado raspando uma varinha. Elas são tocadas pelo guia-geral e pelo contra-guia, segundo no comando, apenas quando o primeiro não puder se fazer presente (BARBOSA, 2020).

mantém viva a memória paterna e demonstra esses saberes do Ensaio sendo transmitidos.

O pai “quando morreu deixou o compromisso pra entregar [a ele] e pro Paulo, que era o irmão mais moço do que eu, mas nós era criança. Quando ele morreu entregou pro



Figura 13: Eli Jorge, entoando a cantiga para iniciar o cortejo da Irmandade até a casa - Mostardas, 2018.

Zé Nilo [irmão mais velho]”. Jorge Eli, dançava o Ensaio há quase 40 anos, assumiu como guia quando seu irmão faleceu. Zé Nilo “caiu mal [...] foi pra Rio Grande [e] não acharam o que era a doença dele, veio pra casa”. O irmão, no retorno para Tavares, cantou numa apresentação da Irmandade e disse “tu vai ter que assumir”, seu Eli respondeu: “eu não”. Zé Nilo “foi embora pra Rio Grande, chegando lá, acharam o câncer no pulmão já na fase terminal” (SOUZA, 2018).

Nesse período, ele “estava preparando pra [se] batizar¹⁰ e a pastora disse pra [ele]: não, tu dá um tempo, porque tu tem um chamado e [...] não é aqui dentro”. Diante disso, pensou “mas será que Jesus Cristo tá me rejeitando?” Então, “quando ele [Zé Nilo] tava mal, chamou minha sobrinha [e] disse: tu liga pro Jorge, pra assumir a Irmandade. Se o Jorge quiser, ele assume, senão entrega pra igreja católica¹¹”, conta. “Continuava na igreja” e, foi num culto, que “o pastor [...] lá em cima do altar [...] eu vi que ele não tirou os olhos de mim [...] veio e botou a mão na minha cabeça e disse pra mim: tu vai querer um ministério [...] tá achando que o mundo tá pesado pra ti [...] tu não vai ter ministério, tu vai ter um rebanho pra cuidar no mundo, tu vai ganhar o mundo!” À essa afirmação se questionou: “da onde que eu vou ganhar mundo?” Então, Zé Nilo morreu e “apareceu dois Ensaio, um atrás do outro”. Um destes, ainda estava vivo e “ligaram pra ele vim pagar”. Zé Nilo disse que não poderia, só iria ir para se apresentar na Expocace¹², mas que o “Jorge vai pagar pra vocês.” E a Viviane [sobrinha] passou pra mim que tinha que pagar dois Ensaio” (IDEM).

“Nas Capororocas¹³, [...] foi o primeiro Ensaio, que nós cantemos”, lembra que

¹⁰ Seu Eli estava frequentando uma congregação evangélica (BARBOSA, 2020).

¹¹ Ele se referia a entregar a caixinha de peditário da Nossa Senhora do Rosário para a igreja da cidade (BARBOSA, 2020).

¹² Feira da cebola e do camarão que acontece em Tavares.

¹³ Localidade dentro do município de Tavares.

"o salão encheu que não tinha espaço pra dançar, pra ver se eu sabia cantar, definir as cantigas¹⁴ da boca da noite, com as cantigas da madrugada." Antes de passarem para "cantiga da meia noite, caiu três estrelinhas, em cima do altar e ficou todas as três em pé." Mostrou para o guia que estava com ele e falou: "um é meu pai e os outros meus dois irmãos". "[...] naquele dia, que foi no primeiro Ensaio que eu cantei, foi a coisa mais linda! Vendo assim, em cima do altar assim [...], três estrelas lá de cima, caíram de ponta assim, de pontinha, duas do lado dela e a outra do outro lado". Ele chamou a "Irmandade e disse [...]: não temos sozinho, eles olharam e começaram a rir, não to aqui pra brincado, to falando sério, nós não tamos sozinhos, daí mostrei pra eles [...] é verdade, tivemos que trabalhar com fé". Nesse momento "foi aonde que Ela veio me consagrar [...] me aceitou como guia-geral" (SOUZA, 2018).

"Ficava só por fora olhando [...] louco pra ir lá e fazer um barulho, bater um tambor!"

Os irmãos cantam e dançam o Ensaio e o fazem no ritmo das batidas do tambor. Ele é o coração da irmandade, ele guia e faz a comunicação com o sagrado, suas batidas ecoam no ar, chamando os irmãos para pagar a promessa, há mais de 25 anos quem ocupa o



Figura 14: Aldo Lucas, que conduz o Ensaio no ritmo do tambor de Quicumbi - Tavares, 2019.

cargo de tamboreiro é Aldo Lucas de Jesus [figura 14]. Seu pai foi guia-geral de uma irmandade que existiu na localidade de Olhos d'Água¹⁵, "ele e os irmãos, todos eles cantavam". "Ah, eu não entrava de jeito nenhum, era branco né, ia entrar?". Aldo lembra que apenas "ficava do lado de fora só apreciando, quando não apreciando dentro de casa. Prá dançar tinha que ser tudo moreno, daí meu pai acompanhava eles, era bem moreno", como não era bem

moreno [ele] "ficava só por fora olhando, louco pra me entremear... louco pra ir lá e fazer um barulho, bater um tambor!" Aldo contou que "todos Ensaios que tinha[...] ia, [...] e ficava a noite toda ali assistindo, junto com [seus] amigos" (LUCAS, 2018).

¹⁴ As cantigas são rezas cantadas que fazem parte do ritual. "cantiga de abertura, da boca da noite, da madrugada" distinguem as etapas do ritual (BARBOSA,2020).

¹⁵ Localidade do município de Tavares.

morena, puxaram o lado do meu pai, já outros puxaram o lado da minha mãe, todos mais claros”. Lembra que um primo, sobrinho de sua mãe, “falecido Ataíde [...] gostava de [lhe] chamar de nego baio”. “Na época, quando era criança, um cara da minha cor, não aceitavam, tinha que ser moreno bem fechado ou pretinho”. “Antigamente”, contou que brancos e negros “nem se misturavam” e, no caso de uma festa, “o salão dos negros era lá e o dos brancos era aqui”, havia uma divisão. A primeira vez em que começou a “bater o tambor, foi no Campo da Honra¹⁶ [...] tinha um primo meu que batia o tambor [...] ele inventou ‘vai lá’, cheguei lá, me botaram eu, depois não me largaram mais, pobre de mim! Aí, desde essa viajada comecei né, e estou até o dia de hoje, graças a Deus!” (IDEM).

Esse Ensaio, ainda “era no tempo do irmão” de Jorge Eli: “fomos ali no Campo da Honra, os caras iam pagar uma promessa [...]”. No momento do cortejo, início do ritual, contou que a dona da promessa, acompanhada do marido, “agarrou a Nossa Senhora [e] vamo, tá na hora, esse casal cravou o pé com essa Nossa Senhora, quando nós chegemos lá, eles já tava cansado de ta dentro de casa”. Comentou que Zé Nilo, “ficava danado”. “Eles [o casal] saíram, pensaram que iam pro cercado, eu acho” e deixaram a Irmandade para traz. Seu Aldo, desde “piazinho, já tinha essa religião, pagamento de promessa”, mas só podia ficar olhando e “prestando sentido naquilo ali [Ensaio]” (JESUS, 2018).

“Me criei no Ensaio”

Madir Silva [figura 15] “se criou” dentro do Ensaio e dançava na também extinta Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Rincão do Cristóvão Pereira¹⁷, de onde tem o cargo de rei de congo¹⁸ e, desde que terminou essa irmandade, passou a dançar na de Tavares. Com 15 anos começou a dançar o Ensaio, seus avós e seus pais o colocaram para dançar desde jovem. “Eles botavam a gente novinho sabe por que? Pra gente não andar na rua pensando bobagem. As vezes trocava um baile, uma festa por uma promessa não podia, tinha que pagar”. A promessa, diz ele, era respeitada e por esse comprometimento, firmado quando jovem, “hoje eu deixo um baile e vou pro Ensaio”, afirma. “Eles botavam a gente pequeno que era pra mó da gente aprender [...] bem né, e respeitar a santinha, Ela ajudou muito nós” [...] (SILVA, 2019).

Madir evoca a lembranças dos avós, também responsáveis por o iniciar no Ensaio e do envolvimento deles na irmandade. “Minha avó foi escrava e ela contava pra nós”, também “era fã [do Ensaio], sabia todas as cantigas” e quando o “avô se perdia nas cantigas, que já tava acostumado [...] perdeu a cantiga, ela sabia todas”. Ainda disse que depois de liberta, sua avó “começou de rainha da Vara, era a festa do Divino” e junto com outras

¹⁶ Campo da Honra é uma localidade pertencente ao Estreito, segundo distrito do município de São Jose do Norte.

¹⁷ Distrito do município de Mostardas/RS.

¹⁸ Rei do Congo, acompanhado da Rainha Ginga, é outra posição que tem nas irmandades, seu destaque acontece na Embaixada, que é uma dança coreografada, com uma luta de espadas entre tico-tico é um homem que anda pelo mundo, roubando dos ricos para ajudar os pobres com o secretário do Rei (BARBOSA, 2020).

mulheres "elas faziam folia do divino", na festa também tinham os reis e que "ali no Rincão tinha um velho [...] era pardo, aqui no Tavares tinha outro que era pardo também". Conta que "se juntava os pardos, chamavam os pardos, porque eles iam avisá, quando saiam as bandeiras". Eles "saíam, chegavam numa casa e avisavam: armoço, pouso" e "tudo transitando de a cavalo. Era o dia da festa do divino". Por muitos anos sua avó foi rainha da vara, enquanto viveu e pode caminhar: "caminhava agachadinha, ela sentava perto do altar ali, passava a noite todinha ali, cantando (IDEM).

Ela era fã e sabia explica tudo [...] dos escravos, senzalas e coisas". Sobre o avô paterno, contou que ele "foi comprado e "era de Minas Gerais", relata que "os donos compraram ele e uns outros lá, uma turma grande". Seu avô, depois de comprado "fugiu de noite" e sobre a fuga diz que, "eles [donos] [...]" estavam "fazendo negócio com um outro lá e se esqueceram de bater o cadeado do portão da senzala" e "eles [negros] combinaram, viram e ficaram quietinho". Quando os donos – "fazendeiros" – "deram as costas" e "foram pra casa grande conversar" sobre a venda do grupo de escravizados, do qual seu avô fazia parte, "eles [escravizados] eles aproveitaram o embalo e fugiram. Deram no pé, meu avô veio parar aqui no Tavares [...] falecido Fabricio [...] os mais velho ai conheceram ele [...] a vida inteira escravo". Depois da fuga, seu avô "casou aqui na costa, foi aonde deixou eu, deixou uma porção de netos, bisnetos ...nós até temos uma foto dele [...] minha irmã tem uma foto guardada [...]" . Madir disse que tinha dúvidas se a imagem "é pintura ou foto [...]", mas é

"uma coisa antiga, tá meio desbotada assim, mas dá pra ver o véio" (SILVA, 2019).



O avô Fabricio, "cantava Ensaio que era uma coisa muito séria, ele não caminhava, já cantava sentado [...] perto da fila e tinha que cantar. Sabia cantar, sabia todas as cantigas, tudo, terço tudo". A partir desta fala sobre o avô Fabricio, Madir lembra da reza do terço que, "aqui na região,

Figura 15: Madir Silva, com a coroa de Rei do Congo e as caninhas - Tavares, 2019.

era o terço caseiro [...]" e também havia "o capelão e capelona [...]". Lembra que "é um terço muito lindo, muito bonito [...] que é o terço raiz [...] mesmo dos escravos. Os escravos rezavam e sabiam rezar". Ele "acompanhava, mas rezar que era bom não", disse que, em algumas vezes sua "avó pegava uma vara, botava eu perto ali, pra botar sentido...eu não...". Mas, em relação aos Ensaios, ele "botava o sentido, mas rezar o terço, naquele tempo escutava né" (SILVA, 2019).

Rezavam-se “as aves maria [...] as seis horas, era o mesmo horário que começa o Ensaio, seis horas em ponto”. Diz que “naquela época, chegou seis horas [e] quando não tinha terço, não tinha um Ensaio, [...] fechavam a casa e não deixavam ninguém sair na rua”. Na sua casa seguiam o mesmo ritual e ele “era pequeno, ai loco pra dar uma brincada, àquela hora ali ... [...] [mas] era sagrada, tinha que ficar ali, perto deles ali rezando [...]”. Outra lembrança está relacionada ao fato da sua mãe “fazer água benta em casa¹⁹”. Sua mãe “colhia era em casa”, mas a água “tem horário pra recolher”, por que “depois do gambá se lavar, ela não é mais benta. Depois do gambá ir lá lavar o rosto dele lá, não é mais benta”. Essa água era chamada de “água benta da comadre”, há uma cantiga que fala desta “água consagrada” e “cada um tomava um golinho daquela água, era uma tradição” (IDEM).

“Gravou na lembrança”

Josi Silva [figura 16], dançante e guia da esquerda (contra-guia) da irmandade de Mostardas, contou que seu avô foi guia da Irmandade de Mostardas e seu pai foi contra-guia do avô e que sempre perguntam pra ele “Josi, eu queria saber porque tu te macaqueia, tu imita os falecido que morreram, tu te lembra [...] “gravou na lembrança”, eles direitinho dançando”. Josi disse que foi “um tal de Luís Rosário”, que lhe ensinou uma oração e que a ao cantá-la, explica que é como se sua voz ficasse embargada, pois se emociona, chegando a ir às lágrimas (SILVA, 2018).

Como trabalha muito em fazenda, Josi às vezes está no campo sozinho trabalhando e conta que “se lembra e vai cantando”: “eu canto um Ensaio direto sozinho, no campo” e alguns de seus colegas dizem: “parece que tão vendo uma banda de ensaio, que é a tua voz canto arto sozinho no campo”, “ah, eu canto”, complementa. Através dessa memória, Josi lembra de Antônio Zabela, falecido mestre de Ensaio e chefe da irmandade

¹⁹ O fato dos avós de Madir, serem escravizados, conhecedores do Ensaio, me levou a inferir que consagrar a água era importante para as práticas religiosas. Sem o acesso a água consagrada, via igreja católica, o faziam dentro das suas possibilidades (BARBOSA, 2020).

de Mostardas, que lhe ensinou as cantigas. "O Antônio Zabela [...] tava mal na cama, quando ele passou as canas pro [filho] e o tambor [pro neto], e disse [...] 'olha cumpadre, eu não vou dançar mais, só que não deixa ele sair de perto de ti', foram palavras importantes, poi "foi uma palavra que ele disse na cama e eu guardei aquilo ali de lembrança". Depois do falecimento de Zabela, seu filho disse: "Jaci é comigo e contigo, tu bota apreço na turma nova" (IDEM).

As memórias individuais de Jorge, Aldo, Madir e Josi representam perspectivas dentro do contexto do grupo social do qual fazem parte desde o



Figura 16: Josi Silva (Mostardas, 2018).

nascimento – a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Suas primeiras lembranças remontam à suas infâncias, o que é percebido pelo uso dos termos "piazinho, era pequeno, brincada". Na infância, as crianças recordam porque, suas memórias estão inseridas no quadro da família desde o início e nunca saíram desse contexto (HALBWACHS, 1999). Todos os entrevistados "se criaram no Ensaio", observando seus pais e seus avós, aprendendo com os mais velhos. Algumas das lembranças consistem em imagens transmitidas a eles por meio de narrativas (como a formação da irmandade no século XIX, as práticas rituais que eram feitas clandestinamente, a venda e a fuga do avô de Madir), pois a lembrança também é uma imagem envolvida por outras imagens, uma imagem genérica referente ao passado (HALBWACHS, 1999). Ao lembrar, recorremos à "campos de significados" que são estruturados por "quadros sociais de memória", servindo como pontos de referência e que são moldados por noções de tempo e espaço, visto que "as localizações espaço-temporais das lembranças são essenciais para a evocação do passado" (BARROS, 1989, p. 30). Com base nas narrativas das memórias adquirimos informações sobre o seu conteúdo e somos transportados para a presença das próprias pessoas, pois é o que palavra falada faz de imediato (THOMPSON, 1988).

Considerações finais

As memórias individuais compartilhadas neste artigo estão intrinsecamente ligadas às experiências da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e à transmissão oral dos saberes e das práticas do ritual sagrado do Ensaio de Pagamento de Promessa. Os relatos

dos irmãos destacam a importância da família para a continuidade das práticas do Ensaio. A história de vida de Eli Jorge, acompanhando seu pai nos Ensaios, até assumir sua posição como guia-geral exemplifica como a transmissão oral acontece de uma geração para outra dentro do grupo. A experiência de Aldo Lucas, que mantinha o desejo desde criança de participar como membro a irmandade, ilustra como a cor da pele muitas vezes determinava quem podia ou não entrar participar como dançante e/ou instrumentista do Ensaio. No entanto, sua devoção pela santa, paixão pela música e pelo ritual, eventualmente o conduziram a desempenhar o importante papel de tamboreiro da Irmandade. Madir Silva, ao compartilhar as memórias de seus avós, que eram membros ativos da extinta Irmandade do Rincão do Cristóvão Pereira, traz mais informações sobre o passado de africanos que foram escravizados na região de Tavares e Mostardas/RS. Josi Silva revela como essas memórias individuais podem ser evocadas mesmo em momentos solitários, como quando ele “canta um Ensaio sozinho”, enquanto trabalha no campo. Cada lembrança, por mais pessoal que seja, é uma peça fundamental no tecido da memória coletiva da irmandade e na preservação de suas práticas culturais e sua religiosidade ancestral.

Referências

ALVES, Adeir Ferreira & Garcia-Filice, Renísia Cristina. **Ancestralidade africana na afrodíspora: conhecimento, existência e vida**. In: RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 07, nº 01, jan.-abr., 2021, artigo nº 2153 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

BARBOSA, Luciene Mourige. **“O Ensaio é na batida do tambor”**: Uma etnografia do ritual de pagamento de promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares-RS. 2020.222f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituição de Ciências e Humanas, Universidade federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p. 29-42.

BOSI, Ecleia. **Memória e sociedade. Lembrança de velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A Queiroz Editora, 1983.

CHARMAZ

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Coleção Artes e Letras/ Arcádia. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: velhas questões, novos desafios**. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (org.). 2011. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Objetiva, 546p.

FONSECA, Jorge. **Religião e liberdade os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX)**. Portugal: Edições Húmus, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lauren Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARRIS, J. E. A diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. In: OGOT, Bethwell Allan (Edit.). **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**, 2.ed., BRASÍLIA: UNESCO, 2010, p. 135-164.

IROBI, ESIABA. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. Tradução Victor Martins de Souza. Projeto História, **Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados de História**. São Paulo, n. 44, pp. 273-293, jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/9857/9824>, acessado em julho/2020.

JESUS, Aldo Lucas. Aldo Lucas de Jesus: entrevista [nov.2018, dez. 2019 e març. 2020]. Entrevistadora: Luciene Mourige Barbosa. UFPel. Gravações em audiovisual. Entrevistas concedidas para a dissertação de mestrado: **"O Ensaio é na batida do tambor": Uma etnografia do ritual de pagamento de promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares-RS**.

MALLOWIST, M. A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África. In: OGOT, Bethwell Allan (edit.). **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**, 2.ed., Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-26.

MELLO, Márcio. **Caminhos criativos da História: Territórios da memória em uma comunidade negra rural**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). 2008. UNICAMP, Campinas, 2008.

MONTEIRO, Livia Nascimento. História Oral e as festas do Rosário: memória, ancestralidade e identidade negra em Minas Gerais. RESGATE - VOL. XXII, N.27 - JAN./JUN. 2014. P.31-40.

MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. **Dança popular, espetáculo e devoção**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe [do] Núcleo de antropologia urbana da USP, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>, acessado em março de 2019.

REIS, João José. "Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão". **Tempo: Revista do Departamento de História** [da] Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Relume Dumará, vol. 2, nº 3, 1996. p. 7-33.

REIS, João José. Presença Negra: conflitos e encontros. In: **Brasil – 500 anos de povoamento**. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. Tese (Doutorado em História).

2005. 251 f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP, Campinas, 2005.

SANTOS, Vanicléia silva. **As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: século XVIII**. São Paulo: USP. Tese (Doutorado em História). 2008. 255 f. Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Josi. Josi Silva: entrevista [dez.2018]. Entrevistadora: Luciene Mourige Barbosa. UFpel. Gravações em audiovisual. Entrevistas concedidas para a dissertação de mestrado: "O Ensaio é na batida do tambor": Uma etnografia do ritual de pagamento de promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares-RS.

SILVA, Madir. Madir Silva: entrevista [dez.2019]. Entrevistadora: Luciene Mourige Barbosa. UFpel. Gravações em audiovisual. Entrevistas concedidas para a dissertação de mestrado: "O Ensaio é na batida do tambor": Uma etnografia do ritual de pagamento de promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares-RS.

SOUINDOLA, Simão. Angola: o grande "produtor" de escravos. Entrevista concedida ao documentário **De Cabo Verde à Angola, na rota da escravatura em cinco países**. Produzido pelo Jornal Público, Portugal. Edição Online. Reportagem audiovisual: 09/06/16. Disponível em: <https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/-angola-o-grande-produtor-de-escravos-1729882>. Acessado em 10/06/20.

SOUZA, Jorge Eli. Jorge Eli Souza: entrevista [nov.2018, dez. 2019 e març. 2020]. Entrevistadora: Luciene Mourige Barbosa. UFpel. Gravações em audiovisual. Entrevistas concedidas para a dissertação de mestrado: **"O Ensaio é na batida do tambor": Uma etnografia do ritual de pagamento de promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Tavares-RS**.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra,1998.